

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS ALUNOS NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO BÁSICA JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA**

Alexsandro da Silva Gomes*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender quais são, na atualidade, os desafios enfrentados pelos alunos e quais são suas perspectivas no percurso da Educação de Jovens e Adultos. Foi utilizada a metodologia qualitativa, por ser baseada em ciências humanas, e quantitativa porque condiz com instrumentos de leituras contextuais, legítimas e específicas, a partir dos dispositivos encaminhados pelos questionários. Os Sujeitos da pesquisa foram estudantes da Educação de Jovens e Adultos, a pesquisa embasou-se na ótica de Paulo Freire, constatou-se por meio da pesquisa que foram vários os desafios enfrentados pelos sujeitos pesquisados, e que muitas vezes um direito foi lhes negado: a Educação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Desafios e Perspectivas. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

A proposta de trabalho na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é renovadora e, ao mesmo tempo causadora de muito encorajamento, principalmente porque está voltada para a inserção escolar de jovens e adultos que não puderam terminar seus estudos na idade apropriada, e, ainda, por necessitarem de atenção quanto ao atendimento dos meios que possibilitam a construção dos caminhos de inserção, respeito e desenvolvimento de todos e de cada um. Desta forma, enquanto constituição de espaço/tempo de formação e como nível e modalidade de ensino, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) proporciona ao aluno a

* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA**, sob orientação da professora Ma. Jussara Ceron – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, em 2014/2.

oportunidade de elevar sua escolaridade por meio de conhecimentos que podem ser utilizados nas diferentes relações cotidianas.

Partindo desta área de trabalho, a presente pesquisa, teve como temática o estudo sobre a EJA abordando desafios e perspectivas que os alunos da EJA vivenciam cotidianamente. A pesquisa buscou entender as causas que fizeram com que esses alunos ficassem afastados da escola por tanto tempo, e o que os motivou buscar a EJA para se alfabetizarem, estudarem e iniciarem sua escolarização. O dia a dia dos alunos da EJA, além de ser uma importante etapa no processo de escolarização, é uma das formas de identificar quais são as perspectivas no que diz ao processo de alfabetização, e qual é o valor do ato de poder ler e escrever enquanto manifestação da cultura e necessidade de vida em sociedade.

Segundo Ferreiro (2002, p. 38): “A alfabetização não é um luxo nem uma obrigação; é um direito. Um direito de meninos e meninas que serão homens e mulheres livres (pelo menos é isso o que desejamos)”. Sendo assim, este trabalho apresenta as dificuldades que os adultos vivenciaram quando crianças, o porquê este direito a que se refere o autor lhes foram negado.

2 A EJA NO BRASIL: contexto histórico

Para abordar a aprendizagem do educando inserido na EJA, consideramos necessário contextualizar historicamente essa experiência educativa no Brasil. Segundo Nezzi e Valendorf (2009, p. 17): “O início da educação de jovens e adultos no Brasil coincidem com o limiar da colonização, e é marcada pela descontinuidade e ineficácia de inúmeras políticas públicas que, ao longo da história, nunca chegaram a atender as necessidades da demanda educacional existente”.

Na colonização a educação ficou sobre responsabilidade dos jesuítas que aqui chegaram com a Companhia de Jesus, e que tinham como principal objetivo o de evangelizar os índios, que aqui estavam, sobre isso, Piletti escreve (1990, p. 134):

A companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola, em 1534, dentro do movimento de reação da Igreja Católica contra a Reforma protestante em dias fontes: através da educação das novas gerações; por meio da ação missionária, procurando converter à fé católica os povos das regiões que estavam sendo colonizadas.

Os jesuítas dedicaram-se a educação no período colonial, logo que chegaram ao Brasil, se espalharam rapidamente por várias regiões do país, os jesuítas eram responsáveis na educação de índios, escravos, colonos e filhos dos senhores de engenhos. Porém, em meados do século XVII, os jesuítas foram expulsos do Brasil por o Marquês de Pombal que foi o

primeiro-ministro de Portugal de 1750 a 1777, o motivo dado foi que os jesuítas estavam se opondo ao governo com seus métodos de ensino, como cita o autor Pilleti (1990, p. 137): “Em sua administração, entrou em conflito com os jesuítas, atribuindo-lhes intenções de opor-se ao controle do governo português”.

Após a expulsão dos jesuítas, Marques de Pombal tentou suprir a educação com as aulas régias que não tiveram êxito, conforme Pilleti (1990, p. 137): “[...] que nem de longe chegaram a substituir o eficiente sistema de ensino organizado pela Companhia de Jesus.” A educação perdeu muito com a expulsão da Companhia de Jesus, conforme Romanelli (2010, p. 37): “Inúmeras foram às dificuldades daí decorrentes para o sistema educacional. Da expulsão até as primeiras providências para a substituição dos educadores e dos sistemas e do sistema jesuítico transcorreu um lapso de 13 anos. Com a expulsão, desmantelou-se toda uma estrutura administrativa de ensino.” Ainda se tratando das perdas da educação referente à expulsão dos jesuítas, Araújo Freire descreve (1993, p. 46):

“Esta reforma de Pombal, que desestruturou a organização jesuítica, trouxe alguns benefícios no campo educacional para Portugal, mas para o Brasil redundou em retrocesso”. Ficamos treze anos sem escolas e os cursos seriados dos jesuítas foram substituídos pelas “aulas avulsas” dadas, na maioria das vezes por professores improvisados, e não pelos professores régios, os quais embora nomeados pela Coroa, não encontravam clima para seu trabalho.

As aulas régias tiveram um marco na história, pois tiraram a educação do controle da igreja e passaram para o Estado, marcando assim o surgimento do ensino público oficial e laico. No período colonial a educação passou por mudanças, principalmente com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e a independência, que ocorreu poucos anos depois. Conforme Nezzi e Valendorf (2009, p. 19, grifos do autor):

Nesse período, o ensino para adultos assumiu, em certo sentido, um caráter filantrópico. Em muitos casos, os professores que ensinavam durante o dia, eram convocados a ministrarem aulas noturnas gratuitamente, em um caráter de missão. Na segunda metade do século XIX, em muitas províncias, surgiram associações de intelectuais que concomitantemente às suas atividades, ministravam cursos noturnos para adultos com uma forma de “regenerar” as massas de pobres brancos, negros livres, libertos e até mesmo, em alguns casos, de escravos.

Ao fim do período Colonial e o início da primeira República o país ainda não tinha um sistema integrado de ensino. Em 21 de abril de 1915 foi formalizado a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo e que tinha como principal lema ‘Combater o Analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro’, porém acabou difundindo uma ideologia de uma educação altamente discriminatória e elitista, conforme Araújo Freire (1993, p. 206, grifos do autor):

A questão do analfabetismo é, inegavelmente, uma questão política e uma questão econômica, embora isso precise e seja realmente negada pela ideologia dominante. Esta, nomeando o analfabetismo de “praga negra”, tentava esconder a essência do fenômeno deixando aparecer como determinante desta “chaga nacional” a cor do negro tingida pela segregação, pela discriminação e pelo elitismo da ideologia da interdição do corpo.

Após o período colonial na primeira República, surgiram e foram levantadas diversas questões sobre a educação, conforme Piletti (1990, p. 157) afirma: “A primeira República é o período no qual se colocou em questão o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite- secundário e superior – em prejuízo da educação popular-primário e profissional”.

No final da primeira República surgiu a revolução de 1930 que trouxe novos debates em torno da educação, após dois anos, em 1932 um grupo de educadores lança um documento ‘A reconstrução educacional no Brasil’ que traz propostas e soluções para a educação brasileira umas das principais ideias do Manifesto foi que a educação fosse pública, obrigatória, gratuita, leiga e um instrumento essencial na reconstrução da democracia no Brasil e que ela fosse adaptada às características de cada região. Na constituição de Julho de 1934, fica claro pela primeira vez o direito pela educação:

Art. 149 - A educação é direito de todos e deve ser ministrado, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Vários educadores, órgãos de imprensa e outros setores da sociedade lutaram para cumprir o que conforme dizia na constituição ‘A educação é um direito de todos’. Com a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 20 de dezembro de 1961, à lei nº. 4.024/6 definiu a educação brasileira em três níveis de ensino: primário, médio e superior.

Após o Golpe Militar, o governo importou dos Estados Unidos um modelo de Alfabetização a campanha Ação Básica Cristã (ABC) que foi realizada de 1966 a 1970 no período do regime militar, tinha como principal objetivo a alfabetização, porém, sobretudo neutralizar as ideias difundidas pelas campanhas anteriores, que tinham cunho socialista segundo o Governo.

Em 1967 foi criado o Mobral pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e que teve uma campanha nacional, porém foi ineficaz e fracassou. Fazendo parte do Ministério

da Educação e já na ‘Nova República’ foi criado em 1985, porém só foi estabelecido em 1986, pelo Decreto nº92. 374, de seis de fevereiro, contudo teve pouca duração e foi extinta em 1990, tinha por finalidade acompanhar as instituições fazendo executar seus programas.

Em 1989 surgiu o Movimento de Alfabetização (MOVA), que tinha como proposta reunir Estado e organizações da Sociedade Civil para combater o analfabetismo, proporcionando o acesso à educação de forma adaptada às necessidades e condições dos educando jovens e adultos. O governo federal em 1996 propõe um novo programa educacional de alfabetização de adultos, um programa governamental do presidente Fernando Henrique Cardoso o Programa Alfabetização Solidária. Atualmente no Brasil é desenvolvido o Programa Brasil Alfabetizado que foi criado em janeiro de 2003 no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Segundo o MEC desde 2003 é desenvolvido, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizando. Podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal, segundo o Programa:

Objetivo: Promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida. Ações: Apoiar técnica e financeiramente os projetos de alfabetização de jovens, adultos e idosos apresentados pelos estados, municípios e Distrito Federal. No decorrer da história do Brasil vemos inúmeros programas voltados a Educação de Jovens e Adultos, porém muitos destes ineficazes.

Atualmente ainda existem inúmeras pessoas analfabetas em nosso país, conforme Nezzi e Valendorf (2009, p. 23) “Destá Maneira o Brasil chega ao século XXI, com um índice ainda, elevado da população que não alcançaram o domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas básicas”.

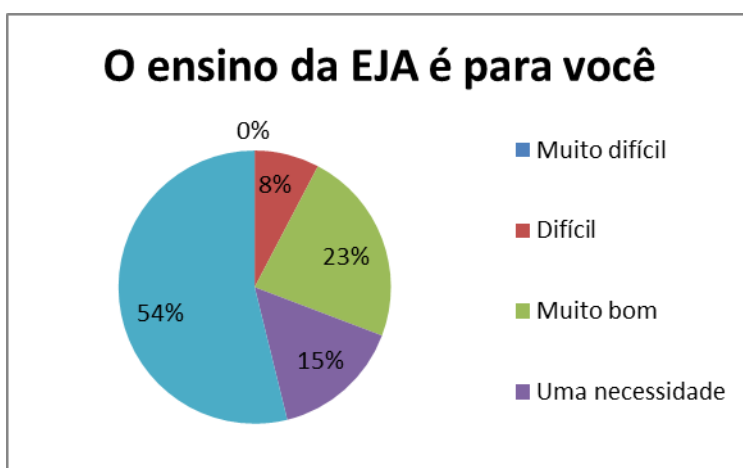
3 ANÁLISE DA INVESTIGAÇÃO

Quadro 01 - Escola



Fonte: Dados da pesquisa, Acervo particular, 2015.

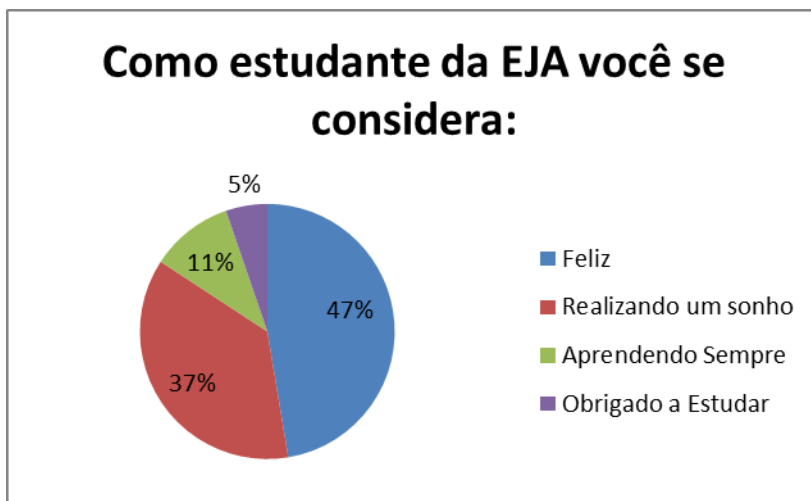
Quadro 02 - Ensino



Fonte: Dados da pesquisa, Acervo particular, 2015.

Conforme o questionário aplicado, podemos verificar nas duas primeiras perguntas feitas na pesquisa, que a maioria dos alunos da escola frequentada vê o ensino e a escola como uma oportunidade, em geral a de mudança de vida. Conforme Peripolli (2009, p. 50): “Isto é, quando capaz de provocar mudanças, começando pelos sujeitos que a buscam e irradiando a realidade que os cerca. Ao falarmos da EJA é preciso pensa-la nesta perspectiva: o de possibilitar que jovens e adultos recuperem sua cidadania e voltem a ser protagonistas de seus projetos enquanto cidadãos/trabalhadores”.

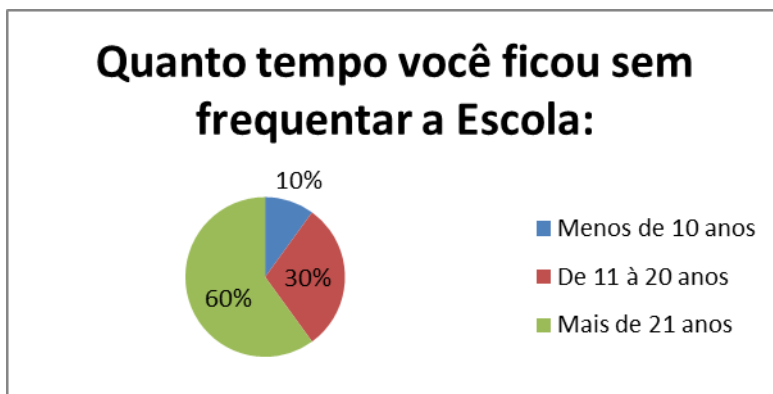
Quadro 03 - Estudante



Fonte: Dados da pesquisa, Acervo particular, 2015.

Conforme Góes (1991, p. 134) descreve “A realidade do adulto é a sua luta pela sobrevivência, é a sua necessidade de afirmar-se como homem, é sua responsabilidade perante si mesmo, sua família e sua comunidade, é a defesa da sua dignidade, é enfim, a conquista da sua felicidade” sendo assim, os dados obtidos, pode verificar que o aluno busca a EJA, como um meio de melhoria de vida, e no contexto onde esta inserida ele se considera muito feliz e realizado.

Quadro 03 - Estudante



Fonte: Dados da pesquisa, Acervo particular, 2015.

Podemos verificar que a maioria dos alunos entrevistados tinha um longo período que estavam fora de salas de aula, por vários motivos apresentados, conforme isso escreve Andrade (2009, p. 40) “São jovens que, por uma série de motivos, precisaram abandonar a escola”. Em relação a 5º pergunta do questionário, obtivemos as seguintes respostas: Ao retornar a sala de aula, quais foram os desafios enfrentados neste percurso fazendo o(a) senhor(a) buscar a EJA?

(01) Aluno A: Ia aos lugares e não conseguia ler as coisas, depender dos outros é chato né.

(02) Aluno B: As dificuldades que o analfabeto enfrenta né sem pode ler.

(03) Aluno C: Eu só pensava em trabalhar agora tem que tirar carteira e não tem como.

Conforme as respostas obtidas vemos que os desafios enfrentados por eles são muitos, alguns tiveram que desistir dos estudos devido o trabalho, alguns retornaram ou começou os estudos em recorrência das dificuldades que o ato de não ler e escrever ocasionava, como vergonha e humilhação, portanto a busca pela EJA, conforme isso Paulo Freire (1990, p. 7) escreve:

Dentro desta perspectiva, a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído. Ainda da maior importância, a alfabetização para Freire é, inerentemente um projeto político no qual homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstruir sua relação com a sociedade mais ampla. Neste sentido, a alfabetização é fundamental para erguer agressivamente a voz de cada um como parte de um projeto mais amplo de possibilidade.

Conforme a última pergunta foi obtida as seguintes respostas: Quais são suas perspectivas em relação à volta aos estudos?

(04) Aluno A: Eu voltei porque preciso estudar tirar a minha carteira e meu marido agora não pode trabalhar e eu tenho que trabalhar, por isso tenho que ler e escrever.

(05) Aluno B: Tirar a carteira de motorista, trabalhar mais tranquilo.

(06) Aluno C: Tirar a carteira de motorista pra comprar um automóvel.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta maneira, a pesquisa revelou que os desafios e as perspectivas, estão muito associados ao que eles enfrentaram muito também em consequência de não saberem ler e nem

escrever, e de muitas vezes permitirem que a vergonha, humilhação, falta de oportunidade de um emprego melhor, entre os quais o fizeram buscar a EJA.

Sobre as perspectivas, de retorno à sala de aula, podem-se elencar alguns aspectos que se destacam, entre eles, o fato de terem que retirar a CNH, ingressar em uma universidade, melhorar as condições de vida, ter um emprego melhor, receber aumento salarial e o simples fato de poder ler ou escrever uma carta, um receituário, uma receita. Pautado no processo construído nessa caminhada, e, aqui, sucintamente ilustrado, através dos depoimentos, que se fazem nas histórias de vida, histórias maravilhosas de luta, de pessoas guerreiras, que trabalhavam desde cedo, cada qual buscando ali na EJA, uma mudança na vida, pessoas que em pouco tempo ali no meio delas já se abriram ao contar sua vida, seus sonhos, suas angustias, pesadelos, sua vida cheia de encantos e saberes, o que nos faz lembrar Paulo Freire (1989, p. 6) “Educação como prática de liberdade”, ali vemos pessoas que mesmo cansadas, muitas vezes exaustas vê na EJA e na escola uma mudança que possivelmente acontecerá em sua vida, que seria o ato de pode ler e escrever, como Paulo Freire (1992, p. 8) mesmo diz “Aprender a ler o mundo”.

**CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF STUDENTS IN EDUCATION IN
ADULT AND YOUTH EDUCATION OF BASIC EDUCATION OF
JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA PUBLIC SCHOOL**

ABSTRACT*

This article aims to understand what are, in presently, the challenges faced by students and what are its prospects in the course of adult and youth education. A qualitative methodology was used, to be based in the humanities, and matches quantitative instruments for legitimate and specific, contextual readings from the devices sent by questionnaires. The subjects of the research were students of adult and youth education, the survey served on optics of Paulo Freire, it was found through research that were several challenges faced by subjects searched, and often a right was denied: the education.

Keywords: adult and youth education. Challenges and perspectives. Paulo Freire.

* Tradução realizada por Bruna Duarte Nusa do Conselho de Tradutores para Línguas Estrangeiras (CTLE) da **Revista Eventos Pedagógicos**.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: BARBOSA, Inês O., PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

ALUNO 1. **Aluno 1:** depoimento. [dez. 2014] Entrevistador: Alexsandro da Silva Gomes. Sinop-MT, 2014. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre Os Desafios e Perspectivas dos alunos na Educação de Jovens e Adultos da EMEB Jurandir Liberino de Mesquita.

ALUNO 2. **Aluno 2:** depoimento. [dez. 2014] Entrevistador: Alexsandro da Silva Gomes. Sinop-MT, 2014. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre Os Desafios e Perspectivas dos alunos na Educação de Jovens e Adultos da EMEB Jurandir Liberino de Mesquita.

ALUNO 3. **Aluno 3:** depoimento. [dez. 2014] Entrevistador: Alexsandro da Silva Gomes. Sinop-MT, 2014. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre Os Desafios e Perspectivas dos alunos na Educação de Jovens e Adultos da EMEB Jurandir Liberino de Mesquita.

BONI, Márcia R. Dialogicidade: uma relação de alteridade na educação de jovens e adultos. In. ROQUE-FARIA, Helenice J.; SILVA, Rosana R. (Org). **Competências na/da EJA**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2009.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 de outubro 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 25 nov. 2014.

FERREIRO, Emília. **Passados e Presentes dos verbos ler e Escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil: Da ideologia da interdição do Corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: INEP, 1993.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Alfabetização: Leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOÉS, Moacyr de. **De pé no chão também aprende ler, 1961-64: uma escola democrática**. São Paulo: Cortes, 1991.

PERIPOLLI, Odimar, J. EJA (Educação de jovens e adultos): Uma escola (Des) necessária? In. ROQUE-FARIA, Helenice J.; SILVA, Rosana R. (Org.). **Competências na/da EJA**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2009.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1990.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **Historia da Educação no Brasil 1930**. Petrópolis: Vozes, 2010.